

TERRITÓRIO DA MEMÓRIA: SOBRE DRAMATURGIAS E AVÓS

A pesquisa em andamento propõe uma reflexão sobre a relação entre tempo, memória e território a partir da metodologia das Dramaturgias Emergentes, tomando como eixo o conceito de Território da Memória. A pesquisa nasce de uma experiência pessoal com minha avó, cuja quase morte evidenciou a força da ancestralidade e da religiosidade popular transmitidas por meio de rezas, benzeções e gestos cotidianos. Entendo minha avó como um “território vivo”, guardiã de saberes afro-indígenas que, embora historicamente invisibilizados, permanecem atuantes nos tecidos comunitários. Nesse sentido, o Território da Memória revela-se não apenas como evocação de lembranças, mas como campo vivo, habitado e coletivo, que inscreve saberes nas dramaturgias. Metodologicamente, o trabalho articula memórias pessoais, registros de oralidade e referências artísticas e críticas, entendendo a criação dramática como espaço de encontro entre camadas individuais e coletivas. As memórias foram revisitadas a partir da escrita de diários, da escuta de narrativas orais familiares e da análise de práticas culturais ligadas à espiritualidade em diálogo com a dramaturgia *1888*, de Takaiúna. Assim, a dramaturgia emerge como prática de reinscrição da memória, capaz de desafiar narrativas hegemônicas e instaurar outras formas de presenças nos tempos. Escrever, nesse contexto, torna-se ato de cuidado, continuidade e pertencimento. Ao visitar a figura da minha avó e, por extensão, tantas outras avós, reconheço guardiãs de mundos inteiros, cujas vozes ecoam como raízes que sustentam e como forças criativas que orientam. Escutar e escrever essas memórias é afirmar que a dramaturgia pode nascer da vida comum, das rezas e gestos transmitidos, transformando-se em chão fértil para a cena e para a existência.

BIBLIOGRAFIA

TAKAIÚNA. *1888*. Dramaturgia inédita, 2025. [Manuscrito pessoal] - Aparecida de Goiânia.